

O DESESPERO SEM FIM PARA OS CONDENADOS À MORTE: O TEOR TESTEMUNHAL NA OBRA DE PRIMO LEVI

Brunna Mayra V. Conceição¹

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Com o intuito de posicionar a obra de Primo Levi, *É isto um homem?*, dentro da corrente literária de testemunho e do conturbado momento do segundo pós-guerra, este estudo procura apontar seus aspectos literários inseridos no atual debate contemporâneo. Para isso, o valor do texto é analisado segundo conceitos já enraizados por autores como Seligmann e Agamben, e é expandido em uma reflexão sobre a importância da memória na sociedade, percorrendo valores presentes nos direitos humanos e demonstrando que nenhuma experiência humana pode ser considerada como vazia de conteúdo, mas sim, que lidamos no caso com condições inscritas para além dos valores mais básicos de nossa sociedade moderna: está em estudo uma obra inserida em Auschwitz, e dentro do campo de concentração não existem as mesmas noções de bem e mal, certo e errado.

Palavras-chave: Literatura; Testemunho; Levi; Auschwitz.

Abstract: With the purpose of placing Primo Levi's work, *É isto um homem?* (*If This Is a Man*, title of the English version), within the Witness Literature movement and the disturbing moment of the second post-war, this study looks to point out its literary features inserted in current contemporary debate. The value of the text is analyzed using the concepts of authors like Seligmann and Agamben, and it is expanded into a reflection on the implications of memory in society, examining values present in the human rights and demonstrating that no human experience

1. Projeto de pesquisa: "Literatura em tempos de exceção", financiado pela Capes e vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora, sob orientação da Professora Doutora Prisca Agustoni de Almeida Pereira.

can be regarded as devoid of content, rather, in this case we deal with conditions beyond the most basic values of our modern society: a work set in Auschwitz is studied, and inside the concentration camp notions of good and evil, right and wrong are not the same.

Keywords: Literature; Witness; Levi; Auschwitz.

“[...] No instante, porém, em que de manhã estou livre da fúria do vento e transponho o umbral do Laboratório, aparece a companheira de todo momento de trégua, da enfermaria, dos domingos de folga: a pena de relembrar, o velho tormento feroz de me sentir homem que, logo que a consciência sai das trevas, me acua de repente como um cachorro que morde. Então pego lápis e caderno e escrevo o que não saberia confiar a ninguém”. (Primo Levi, *É isto um homem?*, Rocco, 1988, p.143-144. Trad. Luigi del Re)

I. Introdução

Toda palavra nasce como manifestação de uma informação onde residiria uma lacuna: um misto do significado real da experiência, ainda que traumática, e da tentativa de expressar aquilo que a língua não é capaz de transmitir na sua integridade; é na corrente de literatura de testemunho que, segundo Márcio Seligmann-Silva (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 376), oscila a lacuna entre a necessidade premente de narrar o que se viveu e a busca pouco frutífera de termos de uma língua capazes de descrever os fatos, reforçando o limite entre ficção e realidade. Um relato que procura resgatar a pior face do “real” e a percepção da insuficiência da linguagem diante do esforço para testemunhar é o que se encontra no livro de Primo Levi, *É isto um homem?*.

A obra em questão é escrita em formato de um diário/relato e teria por objetivo primeiro libertar o autor de suas memórias, confirmando,

através das palavras, uma fala em tensão com uma realidade conflituosa em nome daqueles sujeitos anônimos que não puderam sobreviver, milhões de “vidas” que depois de serem transformadas em números por Auschwitz e pelos muitos campos de extermínios montados pelo Nazismo, tiveram apagados seus nomes, sua carne e sua memória.

É isto um homem? é o título da tradução portuguesa de *Se questo è un uomo*, publicado em novembro de 1947, onde há a representação da fase histórica que percorre a captura do autor pelos nazistas até o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, junto da libertação dos prisioneiros do campo de Auschwitz pelos soldados russos.

Primo Levi, escritor e químico italiano, participou em primeira pessoa na segunda guerra mundial; tendo nascido em Turim (1919-1987), sofreu com as conseqüências dos ideais nazistas, sendo perseguido por ser judeu e componente de uma pequena força de guerrilha, um grupo de “*Partigiani*” criado para combater os fascistas no norte da Itália onde, por sua inexperiência, acaba Levi sendo preso em dezembro de 1943 e enviado para um campo de concentração fascista, em Modena. Acaba por ser transferido para o campo de Auschwitz dois meses depois, onde permaneceria até o fim da guerra, e só conseguiria sobreviver devido à necessidade alemã de mão de obra especializada, no caso do autor, sua formação como químico.

Em seu prefácio, Levi exprime seu conhecimento dos “defeitos” da obra, e em nenhum momento propõe que seu relato lhe confira algum estatuto de escritor. Na verdade, o autor expõe como justificativa para o que ele define como “defeitos estruturais do livro” a concepção e formulação inicial de sua obra durante a sua permanência dentro do Campo de concentração.

2. Testemunho e memória

É isto um homem? É um livro de relatos que buscaria, em um primeiro momento, sua pessoal libertação interior, sendo o texto audacioso na transmissão de uma mensagem quanto à liberdade de expressão das lembranças que descrevem o terror dos cativos de Auschwitz, uma busca que percorreria dois caminhos: o alívio da carga traumática da memória da testemunha e a memória no sentido de armazenamento de dados:

A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de libertação interior. (LEVI, 1988, p. 8)²

Quando nos referimos ao conceito de “testemunho”, estamos querendo remeter à linha de pensamento apresentada por Agamben (AGAMBEN, 2008, p. 27), onde temos dois termos em latim para representar a testemunha: *testis*, o qual deriva o termo em português e que etimologicamente é representado por aquele que se põe como terceiro em um processo ou em um litígio entre dois contendores. Ou como segundo termo encontrar-se-ia a palavra *superstes*, indicativo de quem viveu algo, aquele que teria atravessado um evento até o final e pode testemunhar quanto a isso.

2. *Il bisogno di raccontare agli <<altri>>, di fare gli <<altri>> partecipi, aveva assunto fra noi, prima della liberazione e dopo, Il carattere di un impulso immediato e violento, tanto da rivaleggiare con gli altri bisogni elementari: Il libro è stato scritto per soddisfare a questo bisogno; in primo luogo quindi a scopo di liberazione interiore.* (LEVI, Primo. *Se questo è un uomo; La tregua.* Torino: Einaudi, 1989. Disponível em: http://www.giuseppeveronese.it/public/145/1612_Levi-SeQuesto-Uomo.pdf. Acesso em: junho de 2013. p. 9)

É perceptível para o leitor da obra testemunhal do autor italiano, e Agamben confirma, que Primo Levi encontra-se dentro da segunda linha de pensamento, isto é, como sobrevivente, ele não pode estar afastado do fato que vivenciou, mas é justamente diante dessa qualificação que nos deparamos com um embate: até que ponto se torna possível para a testemunha narrar e estabelecer aquilo que os sobreviventes não encontram palavras suficientes para descrever e que quem nem mesmo presenciou não tem qualquer experiência similar ou meios para imaginar?

A questão da sobrevivência dentro do campo, a partir das reflexões de Agamben em sua obra, pode ser explicada por diversos motivos: alguns dos sobreviventes apelam como argumento que o intuito de testemunhar a ocorrência da barbárie os impulsionaria e lhes permitiria viver em meio ao horror nazista, outras testemunhas indicariam a vingança como a força para manter sua sanidade, mas a grande maioria dos libertos dos campos de concentração nada mais fez do que buscar a primeira desculpa que pudesse lhes apaziguar a mente e mantiveram-se vivos mediante o instinto de sobrevivência do ser humano. Estar vivo torna-se difícil de explicar e é dotado de uma culpa e incompreensão. Tomando o Primo Levi como exemplo, nós encontramos um homem culpado, mas dotado do dever de testemunhar (AGAMBEN, 2008, p. 26).

Quando analisamos a obra de Primo Levi não encontramos um livro com o teor de um julgamento, na verdade, adentramos um território denominado pelo autor italiano e retomado em Agamben (AGAMBEN, 2008, pp. 30-31) como “zona cinzenta”, uma área do pensamento e história onde se tornaria impossível o ato de julgar, um local onde bem e mal não possuiriam valor; tanto aquele denominado como vítima, assim como o seu carrasco seriam abjetos. Porém, parece-nos evidente que quando tratamos dos campos de concentração é difícil a tarefa de abster-se do pensamento vil que se forma na comunidade de cativos e algozes, e adentrar a discussão de “certo” e “errado” torna-se uma

busca do leitor em uma tentativa de apoio e compreensão para além da sua capacidade de reflexão:

Desejaríamos, agora, convidar o leitor a medir sobre o significado que podia ter para nós dentro do Campo, as velhas palavras “bem” e “mal”, “certo” e “errado”. Que cada qual julgue, na base do quadro que retratamos e dos exemplos que relatamos, o quanto, de nosso mundo moral comum, poderia subsistir aquém dos arames farpados. (LEVI, 1988, p. 87)³

Ao não encontrarmos como dotada de julgamento a obra do sobrevivente Levi, mas como uma área de conflito e de horror isolada por muros e arames farpados, distanciamos a palavra do autor das categorias jurídicas: cabe à testemunha relatar tudo o que leva uma ação humana para além do direito, sendo nossas categorias éticas e jurídicas não aplicáveis à situação de Auschwitz, onde imperaria o instinto de sobrevivência. As palavras de Levi não são escolhidas em vista de punir ou elogiar, sendo seu discurso proferido aquém da benevolência ou maldade.

Por serem termos técnicos do direito, dotar alguém de “responsabilidade” e “culpa”, causaria uma insuficiência do ideal “ético” presente no campo. O gesto de assumir a responsabilidade de seus “crimes” e o ideal do delito em si é, portanto, unicamente jurídico e não pertence à realidade de Auschwitz, estando na realidade vinculado ao conceito de “culpa” dos conceitos morais de nossa sociedade, que em seu significado literal seria a imputabilidade de um dano.

3. *Vorremmo ora invitare il lettore a riflettere, Che cosa potessero significare in Lager le nostre parole <<bene>> e <<male>>, <<giusto>> e <<ingiusto>>; giudichi ognuno, in base al quadro Che abbiamo delineato e agli esempi sopra esposti, quanto del nostro comune mondo morale potesse sussistere al di qua del filo spinato.* (LEVI, Primo. op. cit., p. 143)

3. “Zona cinzenta”

Refletindo sobre a “zona cinzenta” onde se encontra o escritor sobrevivente e sua obra, tomamos por figura exemplar da situação os homens denominados como *Sonderkommandos*, judeus responsáveis pelo encaminhamento dos prisioneiros, pertencentes à mesma nacionalidade que eles próprios, para as câmaras de gás e pela limpeza dos cadáveres que restavam do processo de homicídio. Estes homens seriam aqueles que conheceram a destruição extrema e não se poderia esperar uma fala jurídica de qualquer um deles. Talvez somente, e como resultado de um discurso desestruturado resultante do trauma, seria lamento ou blasfêmia, uma vã tentativa de considerar como lícita sua sobrevivência para os parâmetros morais da sociedade para qual ele retorna.

[...] enquanto os não-judeus eram encarregados automaticamente de suas funções ao entrarem no Campo, em vista de sua superioridade natural, os judeus tinham que fazer intrigas e lutar duramente para conseguir essas funções.

[...] basta oferecer a alguns indivíduos em estado de escravidão uma situação privilegiada, certo conforto e uma boa probabilidade de sobrevivência, exigindo em troca a traição da natural solidariedade com seus companheiros, e haverá por certo quem aceite. (LEVI, 1988, p. 92)⁴

Colocar as barbáries de Auschwitz como indizíveis seria apoderar-se do silêncio, e fazer uso deste, para contribuir para a glória de um

4. [...] mentre gli altri venivano investiti degli incarichi automaticamente, al loro ingresso in campo, in virtù della loro supremazia naturale, gli ebrei dovenano intrigare e lorrare duramente per ottenerli. [...] si offrì ad alcuni individui in stato di schiavitù una posizione privilegiata, un certo agio e una buona probabilità di sopravvivere, esigendone in cambio il tradimento della naturale solidarietà coi loro compagni, e certamente vi sarà chi accetterà. (Idem, *Ibidem*, p. 151).

horror histórico. São os *Sonderkommandos*, para Primo Levi, aqueles que permeiam o purgatório entre os homens e os mortos, mas incapazes de assumir publicamente um discurso descritivo de um extermínio que lhes parece sem sentido, inimaginável se não como o resultado de sua própria sobrevivência. Para se testemunhar é necessária a memória e a força para recordar, enfrentar e narrar os seus próprios pesadelos, sendo assim, é necessário que contornemos os errôneos usos de dois termos comumente escolhidos para a representação deste sobrevivente que narra e a situação que vivenciou: O de mártir e o de Holocausto.

Tomando por referência a pesquisa de Agamben (AGAMBEN, 2008, PP. 30-31), *martirium* representaria a morte dos cristãos perseguidos por testemunhar sua fé ou por agir de acordo com sua religião e, trazer esse significado para os sobreviventes de Auschwitz, seria o mesmo que falsificar seu destino como testemunha.

Enquanto a doutrina do martírio nasceria para justificar a morte a partir do preconceito e insensata perseguição contra os cristãos proclamadores de sua fé, as mortes dos campos de concentração não teriam sentido algum se não para evitar a reação das vítimas, negando a elas a consciência do genocídio, onde o encaminhar para a morte mostrava-se como normal e natural, resultando em uma burocratização e alienação do momento do falecimento.

Já o termo Holocausto teria como origem a palavra grega *holókaustos*, que pode ser traduzido por “todo queimado”, e seria ele extensivo, através de seu uso metafórico, aos mártires cristãos, com o ideal de equiparar o seu suplício a um sacrifício. Mas quando consideramos a morte de milhares de alienados ao motivo de suas prisões, condenações e assassinatos, soa como zombaria essa metafórica representação da câmara de gás como termo de designação a ocorrência nos campos de concentração nazista. Primo Levi escolhe outra opção e se utiliza do termo *Shoá* como devastação, a catástrofe ocorrida para os judeus.

Naquele tempo, ainda não me fora ensinada a doutrina que, mais tarde, eu seria obrigado a aprender rapidamente no campo de concentração: que o primeiro mandamento do homem é perseguir seus intentos por meios idôneos, e que quem erra, paga. De acordo com essa doutrina, eu não poderia deixar de concluir que tudo o que nos aconteceu foi rigorosamente certo. (LEVI, 1988, p. 11)⁵

Levi interpreta então o extermínio como punição pelos pecados de seu povo, e sem o uso de escárnio, pois para o autor nada justificaria as mortes de tantos senão seus próprios erros.

Podemos responder assim nossa questão proposta sobre qual o limite para a testemunha narrar e estabelecer aquilo que não presenciou e não pode imaginar: por trás do testemunho se encontraria a lacuna de narrar com a voz daquele que perdeu a vida, não sendo as testemunhas autênticas sobreviventes, mas aqueles que por sorte ou certa habilidade não teriam “submergido” e falecido como os outros prisioneiros.

Narrariam os sobreviventes, a seu modo e como podem, o seu destino e o daqueles falecidos nos tempos de horror, discursando em terceira pessoa ou não, mas falando por outro, mesmo que não tenham passado por tudo aquilo que discursam.

O testemunho vale por aquilo que lhe falta: a voz dos que morreram e são as reais testemunhas, que partiram antes de suas mortes físicas e não conseguiriam falar por si das situações de maus-tratos as quais foram submetidos.

A relevância do testemunho é justamente a impossibilidade de narração de quem morre e o cumprimento do dever do sobrevivente; isso obriga o leitor a buscar um sentido involuntário presente em uma zona

5. *A quel tempo, non mi era stata ancora insegnata la dottrina che dovevo più tardi rapidamente imparare in Lager, e secondo la quale primo ufficio dell'uomo è perseguire i propri scopi con mezzi idonei, e chi sbaglia paga; per cui non posso considerare conforme a giustizia il successivo svolgersi dei fatti.* (LEVI, Primo. op. cit., p. 13).

fora de seus conceitos éticos e morais, que, mesmo mediante esforço desse leitor, alcançaria apenas parte do que foi a realidade vivida pelos prisioneiros judeus.

4. O muçulmano

Um autor testemunhal então estaria limitado por uma tensão: o testemunho real em sua integridade não seria possível uma vez que ele não presenciaria tudo pelo qual o prisioneiro que faleceu presenciou, mas cede dentro da língua o lugar a uma adaptação da linguagem que usa, mostrando a impossibilidade de testemunhar se não em uma língua própria:

O sinal, que a língua julga transcrever a partir do não testemunhado, não é a sua palavra. É a palavra da língua, a que nasce lá onde a língua já não está no seu início, deriva disso a fim de – simplesmente- testemunhar: “não era luz, mas estava para dar testemunho da luz”. (AGAMBEN, 1942, p. 48)

Adentrar essa lacuna entre o narrador, o sobrevivente comum, passível de meios físicos e mentais de sobrevivência e aquele que submergiu, é reconhecer como intestemunhal o muçulmano⁶, o prisioneiro que deixa sua humanidade e abandona qualquer esperança, sendo abandonado então por todos os seus companheiros.

Em um único capítulo, “os submersos e os salvos”, distancia-se o autor italiano da narrativa em formato de diário para analisar os conteúdos da experiência humana e seus valores dentro da “zona cinzenta”, optando

6. Levi chama de “muçulmanos” aqueles que já estavam perto da morte e não tinham mais forças para reagir ou sequer se mover por conta própria. Eram “homens em dissolução”, (“*uomini in dissolvimento*” no italiano). A gíria no campo proferida pelos nazistas era literalmente “Musselmanner”, cf. LEVI, Primo. op. cit., p.148.

por caminhos biológicos e sociais nas descrições de personagens das quais ele se serve como exemplos daqueles que se mantiveram como homens em sua sanidade e puderam designar-se dentro do campo como sobreviventes, em oposição a um montante de não-vivos, os muçulmanos, vistos, somente, em sua não-história circular.

Sucumbir é mais fácil: basta executar cada ordem recebida, comer apenas a ração, obedecer à disciplina do trabalho e do campo. Desse modo, a experiência demonstra que não se agüenta quase nunca mais do que três meses. (LEVI, 1988, p. 91)⁷

Apenas na situação extrema do campo de concentração é que demonstra Levi a possibilidade de analisar e diferenciar o homem daquele que já sucumbiu à pressão e abandonou sua humanidade para se resignar e tornar-se alguém sem desejo de viver, um não-homem que perde sua esperança e sentimentos e, ao deixar de sentir, torna-se um muçulmano.

O *muslim* pode representar o sentido daquele que está submisso às vontades de Deus através de sua convicção, mas dentro de Auschwitz é aquele que perdeu sua consciência e tem sua vontade de viver destruída.

A história destes que perdem sua humanidade é sempre a mesma, eles simplesmente se deixaram levar pelo campo e antes mesmo que conseguissem se adaptar as condições inesperadas como prisioneiro, eles foram esmagados e desumanizados.

[...] os “muçulmanos”, os submersos, são eles a força do Campo: a multidão anônima, continuamente renovada e sempre igual, dos não-homens que marcham e se esforçam em silêncio; já se apagou neles

7. *Soccombere è la cosa più semplice: basta eseguire tutti gli ordini che si ricevono, non mangiare. Che la ragione, attenersi. Allá disciplina del lavoro e del campo. L'esperienza ha dimostrato che solo eccezionalmente si può in questo modo durare più di tre mesi.* (Idem, *Ibidem*, p. 149).

a centelha divina, já estão vazios, que nem podem realmente sofrer. Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar “morte” à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la. (LEVI, 1988, p. 91)⁸

Quando refletimos sobre o título da obra de Levi, *É isto um homem?*, podemos pensar no ponto em que o muçulmano, a verdadeira testemunha por ser aquela que presencia a barbárie em seu limite, a morte, havia eliminado a possibilidade de distinção entre o homem e o não-homem; sua escolha de título deixa de ser uma interrogação e concretiza-se como a imposição da realidade da testemunha integral em sua narração, sendo o homem aquele que sobreviveria à própria humanidade.

Dentro da obra de Primo Levi, nos impressionamos com algo além das chacinas as quais a modernidade e os centros urbanos nos acostumaram; ficamos comovidos com os muçulmanos e a visão de Auschwitz como algo nunca pensado, como a imagem de um purgatório dantesco, acima do que determinamos como vida e morte, onde o homem se transforma na figura do muçulmano, aquele que se encontra morto enquanto seu corpo físico ainda vive, e sem compreendermos este, não podemos nem mesmo imaginar a determinação do limite entre o homem e o não-homem estabelecido pelo campo de concentração.

Para sobreviver como um homem, não como um cadáver ambulante, como um ser humano humilhado e massacrado, mas ainda um ser humano, era preciso antes de mais nada manter-se informado e

8. [...] *i Muselmänner, i sommersi, il nerbo del campo; loro, la massa anonima, continuamente rinnovata e sempre identica, del non-uomini Che marciano e faticano in silenzio, spenta in loro la scintilla divina, già troppo vuoti per soffrire veramente. Si esita a chiamarli vivi; si esita a chiamar morte la loro morte, davanti a cui essi non temono perché sono troppo stanchi per comprenderla.* (LEVI, Primo. *Se questo è un uomo; La tregua*. Torino: Einaudi, 1989. Disponível em: http://www.giuseppeveronese.it/public/145/1612_Levi-SeQuesto-Uomo.pdf. Acesso em: junho de 2013. p. 150).

ciente de qual era seu ponto sem retorno, o ponto além do qual nunca, sob circunstância alguma, se cederia ao opressor, mesmo que isso significasse arriscar-se ou perder-se a vida. (AGAMBEN, 1942, p. 63)

Ao citar homens que sobreviviam dentro do campo ao seu modo, ainda no capítulo “os submersos e os salvos”, demonstra Levi que não eram os mais fortes ou inteligentes aqueles que conseguiam manter sua sanidade, mas sim os piores e capazes de fugir à destruição através de três métodos: o “jeito”, a compaixão e o roubo.

Não podemos considerar o ideal de virtude aqui, mas em comparação com os menos adaptáveis são os sobreviventes aqueles que sofrem com a sensação de não ter feito o suficiente para salvar seus companheiros, mas usam de sua solidão para lutar pela sobrevivência. Ser temido ou ter a coragem de agir por meios ilícitos dentro de Auschwitz é sinônimo de uma boa probabilidade de sobrevivência; É a renúncia de seu mundo moral o que permite a adaptação e a resistência de poucos.

Seguir uma doutrina de honra e valores de nossa sociedade moral esta abaixo da necessidade de sobrevivência, sendo para o autor, o muçulmano como exemplo de um experimento onde a moral e a humanidade são postas em questão em um embate do limite da ética; ao ser privado de sua dignidade, o judeu abandonaria a sua humanidade.

Antes mesmo de ser um lugar de morte, define Agamben (2008) o campo de concentração como o lugar de produção do muçulmano, a última substância biopolítica isolável na teoria biológica de nossa sociedade.

Quando se depara com o muçulmano, a testemunha não pode deixar de ter o sentimento de culpa mediante a sua satisfação em estar vivo e ver outro em seu lugar a morrer, mas é esse embate sobre a responsabilidade dos assassinatos uma das características que definiriam os homens dentro do Campo como conscientes e adaptados a sua realidade: mostram-se eles

envergonhados por não agirem diante do assassinato de seu semelhante, mas mantém a ideia pretenciosa de inocência, ao que não são suas mãos a tirar a vida do outro.

Recuperamos na obra de Primo Levi a ideia de que o sentimento de culpa deveria dominar aqueles que não testemunharam, fossem alemães ou de outros países, e que falar sobre culpa ou inocência não teria sentido após Auschwitz.

Estabelecer um ideal de julgamento ético que penetre nesta questão não é possível considerando a “zona cinzenta”, resta ao sobrevivente algo além de aceitar ou desejar vingança do passado, mas resignar sua frustração que não encontra conflito apenas na questão da culpa, mas que não possui tempo ou possibilidade de retorno para ser questionada; o Campo tornou-se para o homem a não possibilidade de morrer no seu próprio lugar, restando aos submersos a vergonha.

Para que não se confunda a vergonha aqui citada, referimos a primeira definição dada por Agamben em sua obra:

Ela é nada menos que o sentimento fundamental do ser sujeito, nos dois sentidos – pelo menos na aparência – apostos do termo: ser sujeitoado ou soberano. Ela é o que se produz na absoluta concomitância entre uma subjetivação e uma dessubjetivação entre um perder-se e um possuir-se, entre uma servidão e uma soberania. (AGAMBEN, 1942, p. 112)

Para narrar é necessário, então, que a testemunha distancie-se do seu sujeito e de suas características como a vergonha ou a culpa, para só então formar-se como vazio de qualquer substancialidade se não o conteúdo e a voz daquele que não pode narrar. É Levi o narrador que nada tem a contar sobre si, mas sobre aquele que “submergiu” à instância da morte, é o homem o mandatário do muçulmano que lhe empresta as palavras das quais nem mesmo a testemunha conheceu o real significado.

Somente como locutor na instância da narrativa, como representativo daquele que está aquém do humano, é que pode o autor transitar entre o ser vivo e realizar a catarse do lugar do testemunho.

5. Conclusão

Em seu texto memorialístico, Levi apresenta a capacidade de adaptação do comportamento humano diante de ocorrências de extrema degradação e traz uma análise do estrangeiro como alguém contra quem se tem aversão e contra quem se declara guerra, trazendo uma concepção não só política, ao representar a ideologia nazista que reprime as características dos que representam a noção de “alteridade” forjada pela dita ideologia. Um arquivamento da experiência de um homem que parece errar unicamente por ter fé em sua religião, como se nascer tivesse sido uma escolha errada. Sua obra mantém a individualidade generalizada do sobrevivente judeu e salva a história enquanto lembrança.

Considerando Freud (FREUD, 1917) a experiência traumática é aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre, sendo o testemunho não só a narração da violência desses fatos, mas a resistência à compreensão dos mesmos.

Foram justamente as privações, as pancadas, o frio, a sede que, durante a viagem e depois dela, nos impediram de mergulhar no vazio de um desespero sem fim. Foi isso. Não a vontade de viver, nem uma resignação consciente: dela poucos homens são capazes, e nós éramos apenas exemplares comuns da espécie humana.
(LEVI, 1988, p. 15)⁹

9. *Sono stati proprio i disagi, le percosse, il freddo, la sete, che ci hanno tenuti a galla sul vuoto di una disperazione senza fondo, durante il viaggio e dopo. Non già la volontà di vivere, né una consapevole rassegnazione: ché pochi sono gli uomini capaci di questo, e noi non eravamo che un comune campione di umanità.* (LEVI, Primo. op. cit., p. 23).

Levi em sua narrativa, por inúmeras vezes, parece desacreditado diante do tratamento animalesco dado a si e seus companheiros, sendo que um animal mediante as pancadas reagiria, mas o ser consciente é tomado por tal espanto que o seu corpo não sabe responder senão com assombro à ocorrência de extrema brutalidade, como espancamentos sem motivo, ou o miserável estilo de vida imposto aos judeus dentro dos campos de concentração;

Ele não possui nem essa astúcia elementar das bestas de carga, que param de puxar antes de chegar ao total esgotamento; ele puxa, ou leva, ou empurra, enquanto tem forças para isso; logo cede de repente, sem uma palavra de advertência, sem levantar do chão seu olhar opaco e triste. Lembra-me os cachorros de trenós dos livros de London, que fazem força até o último alento e caem mortos na trilha. (LEVI, 1988, p. 42)¹⁰

O homem perde o medo e assim sua humanidade junto dos hábitos cotidianos. Nesse sentido, podemos observar que a figura da morte beira a obra toda de Levi como fiel companheira: a cada dia que se acorda no campo só se pode ter certeza de que a morte o espera.

É o trauma do nazismo, um período de desencontro com o real, que associa seu testemunho à responsabilidade social perante o passado. O real manifestar-se-ia na resistência ao simbólico, é inimaginável e irrepresentável o tratamento concedido aos prisioneiros judeus para qualquer pessoa que não o tenha presenciado, o que torna as palavras “insuficientes” para transcrever as inúmeras ocorrências do Campo; Cabe ao sobrevivente

10. *Non possiede la rudimentale astuzia dei Cavalli da traino, Che smettono di tirare un po' prima di giungere all' esaurimento: ma tira o porta o spinge finché de forze glielo permettono, poi cede di schianto, senza una parola di avvertimento, senza sollevare dal suolo gli occhi tristi e opachi. Mi ricorda i cani da slitta dei libri di London, che faticano fino all'ultimo respiro e muoiono sulla pista.* (Idem, Ibidem, p. 73).

reinventar a língua em meio a sua criação; daí o caráter misto da literatura de testemunho, sua capacidade de tocar a literatura de ficção e o mundo factual, é ela dotada da descrição do sobrevivente que molda esteticamente seu relato narrativo para o recebimento deste pelo público, de modo que o leitor possa ao menos compreender uma experiência inenarrável, onde apenas aquele que sobreviveu sabe o verdadeiro significado da realidade:

Alguém ousou perguntar pela bagagem; responderam: “Bagagem depois”; outros não queriam separar-se da mulher; responderam: “Depois, de novo juntos”; muitas mães não queriam separar-se dos filhos; responderam: “Esta bem, ficar com filho”. Sempre com a pacata segurança de quem apenas cumpre com sua tarefa diária; mas Renzo demorou um instante a mais ao se despedir da noiva Francesca, sua noiva, e derrubaram-no com um único soco na cara. Essa também era uma tarefa diária. (LEVI, 1988, p. 18)

A obra de Levi busca guardar a singularidade do evento, assim como a continuidade histórica que ele significa, ela não pode representar a fragmentada concepção de todas as vítimas do nazismo, mas é panorâmica, onde seu relato pessoal dá voz a personagens encontrados no campo; o principal exemplo desta ocorrência ainda é o capítulo “Os submersos e os salvos” onde o autor distancia-se esteticamente do formato de diário e dá voz aos homens do Campo, aqueles que fazem parte da multidão inominável, que jamais se destacarão e assim irão sucumbir no anonimato, e aqueles que por caminhos inimagináveis e diversos, salvam-se todos os dias em sua solidão; Dá o autor aparência diferenciada do relato constatado até então na narrativa com o intuito de expor pontos de vista caracterizados pela “zona cinzenta” e o embate da ética, já retratado neste trabalho.

A não ser por grandes golpes de sorte, era praticamente impossível sobreviver sem renunciar a nada de seu próprio mundo moral; isso

foi concedido a uns poucos seres superiores, da fibra dos mártires e dos santos.

Contando as histórias de Schepschel, Alfred L., Elias e Henri, tentaremos demonstrar quantas maneiras pode-se alcançar a salvação.

(LEVI, 1988, p. 94)¹¹

O testemunho de Levi percorre a estética literária e a ética histórica como campos indissociáveis de pensamento. O valor do texto e a relevância da escrita são lançados no âmbito da discussão dos direitos humanos, em que o verbo, a palavra, são vistos como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem do poder e do governo podem ser constantemente colocadas em questão, e onde os valores mais básicos inscritos em nossa sociedade moderna são questionados: dentro do campo não existem as noções de bem e mal, ou certo e errado.

Como uma reflexão sobre a importância da memória na sociedade, a obra de Levi nos mostra que nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo e combate a neutralização dos julgamentos morais. Sendo uma obra de testemunho, ela nos relembra constantemente das condições que levaram o homem a Auschwitz e ao assumirmos a postura da literatura de testemunho, damos voz aqueles que podem ser definidos como excluídos e recuperamos sua perspectiva, ainda que impossível de ser plenamente retratada, dos fatos e seu significado.

11. *Il sopravvivere senza aver rinunciato a nulla del proprio mondo morale, a meno di potenti e diretti interventi della fortuna, non è stato concesso che a pochissimi individui superiori, della stoffa dei martiri e dei santi.* (Idem, *Ibidem*, p. 154).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*, tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *Se questo è un uomo; La tregua*. Torino: Einaudi, 1989. Disponível em: <http://www.giuseppeveronese.it/public/145/1612_Levi-SeQuesto-Uomo.pdf> Acesso em: junho de 2013.

OLIVEIRA, Mariana Camilo de. “Diálogo inconcluso entre Paul Celan e Theodor W. Adorno.” XI Congresso Internacional da ABRALIC. USP, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

_____. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

Recebido em: 28/05/2013

Aceito em: 29/07/2013